

Entrevista: professor Joffre Marcondes de Rezende

A história do professor Joffre Marcondes de Rezende confunde-se com a da Faculdade de Medicina (FM) da Universidade Federal de Goiás. Mais: em vários momentos confunde-se com a própria UFG, da qual foi um dos fundadores. Foi também o fundador da Editora da UFG. Conhecer a história deste pioneiro é rememorar a história de momentos importantes do processo de construção da universidade no Centro-Oeste do Brasil.

O professor Joffre nasceu em Piumhi, no interior de Minas Gerais, em 1921. Graduiu-se na Faculdade Nacional de Medicina, atual Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1950. Especializou-se em Gastroenterologia. Veio para Goiânia em 1954, ingressou no quadro da FM e ajudou na sua consolidação. Atuou como médico na Santa Casa de Misericórdia (de 1954 a 1962), como professor da Escola de Enfermagem São Vicente de Paula (1954 a 1965), e foi chefe da divisão técnica da Secretaria de Saúde do Estado de Goiás (1958 a 1962).

Atuou em várias entidades de classe da medicina, no Estado de Goiás e nacionalmente. Foi fundador e editor da *Revista Goiana de Medicina* (de 1955 a 1990) e é autor dos livros *Linguagem Médica*, já na terceira edição, e *Vertentes da Medicina*.

Na UFG aposentou-se como professor titular, onde foi responsável pelas disciplinas de Clínica Médica e Gastroenterologia. Passou por quase todos os cargos administrativos da FM e da UFG.

Na pesquisa, dedicou-se principalmente à doença de Chagas e suas repercussões no aparelho digestivo, tendo publicado como autor e co-autor mais de uma centena de trabalhos científicos, no Brasil e exterior. Participou como relator em vários congressos médicos nacionais e internacionais. Foi membro de 82 bancas examinadoras e comissões julgadoras de teses e concurso diversos.

Depois de sua aposentadoria na UFG em 1987, dedicou-se ao estudo e ao ensino da História da Medicina, tendo sido coordenador do curso de História da Medicina por dez anos (de 1988 a 1998). Atualmente é professor voluntário na FM. Mantém um sítio na internet, desde 2001, sobre História da Medicina e Linguagem Médica (<http://usuarios.cultura.com.br/jmrezende>). Foi presidente do XI Congresso Brasileiro de História da Medicina, realizado em Goiânia, em 2006.

Pelo seu trabalho, recebeu diversas honrarias, entre as quais a de Professor Emérito da UFG (em 1992), além de medalhas por ocasião do centenário de nascimento de Carlos Chagas, pelo Estado de Minas Gerais (em 1980) e do Instituto Oswaldo Cruz por ocasião do centenário da instituição (em 2000). No ano passado, recebeu o título de professor *honoris causa* pela Universidade de Brasília. Foi o quarto professor a receber o título na história da UnB, em razão de sua contribuição na fundação da Faculdade de Medicina e posterior colaboração em trabalhos com o corpo docente daquela universidade.

Nesta entrevista, realizada na sala da diretoria da FM numa manhã de agosto passado, o professor Joffre Rezende fala sobre sua vinda para Goiânia, da criação da Faculdade de Medicina e do Hospital das Clínicas da UFG, da criação da Editora da UFG, da descoberta da paixão pelos livros não-científicos, a partir da necessidade de buscar mais conhecimento sobre redação médica, no papel de editor da *Revista Goiana de Medicina* (de 1955 a 1990). Fala ainda de suas contribuições em pesquisa sobre as manifestações da doença de Chagas no sistema digestivo, e sobre os dois livros de sua autoria.

Participaram da entrevista a jornalista Silvânia de Cássia Lima, assessora de comunicação da reitoria, e o professor Wolney Unes, além do professor Heitor Rosa, diretor da FM, como convidado especial.

Professor, como começou sua relação com a Universidade Federal de Goiás?

Eu vim para Goiânia em 1954. Naquela época já se pensava em fundar uma faculdade de medicina em Goiânia, considerando que a região não tinha nenhuma e os candidatos jovens que desejavam seguir essa profissão tinham de ir para o Rio de Janeiro ou São Paulo. Fui colega do dr Francisco Ludovico de Almeida, fui seu colega de turma no Rio de Janeiro e, à época em que vim para Goiânia, ele estava trabalhando exatamente para conseguir a faculdade de medicina. Como colega, me interessei muito pelo que estava sendo feito. Logo filiei-me à Associação Médica de Goiás, onde esse tema era uma constante: a necessidade de abrir uma faculdade de medicina em Goiás.

Depois de sua formatura no Rio de Janeiro, o que motivou sua vinda para Goiânia?

Minha vida estava mais ou menos encaminhada para ser um médico do interior, no sul de Minas. Acontece que o projeto de um primo que havia me convidado para trabalhar com ele não foi avante e eu me vi numa situação muito difícil: não tinha emprego, estava sem dinheiro, noivo, com casamento marcado. Então, aceitei um convite para trabalhar numa cidade do Mato Grosso do Sul, Bela Vista. Lá fiquei de 1952 a 1953. No início de 54, voltei ao Rio de Janeiro, de onde vim para Goiânia. O que influenciou minha mudança para Goiânia, foi que meu cunhado tinha sido contratado (ele é médico pneumologista) para dirigir o sanatório Juscelino Kubitschek, recentemente inaugurado na época. Então, com o apoio de Francisco Ludovico, e essa oportunidade de acompanhar meu cunhado para Goiânia, não tive dúvida. Me mudei com minha família (eu já tinha dois filhos nessa ocasião) e aqui procurei então participar da vida científica da Associação Médica, me aproximei da diretoria e colaborei numa série de medidas que foram tomadas no sentido de tornar realidade a Faculdade de Medicina. O professor Francisco foi realmente o mentor, a pessoa que tinha maior prestígio para levar à frente essa idéia e, quando o pai dele se tornou governador, ficou mais fácil, naturalmente, obter a aprovação das autoridades federais. Inicialmente, houve muita resistência, pois não se admitia que Goiás pudesse ter uma Faculdade de Medicina.

Quais os motivos dessa resistência?

Não havia uma massa crítica de professores e não havia um desenvolvimento da medicina compatível com a faculdade. Entretanto, depois que Juscelino Kubitschek assumiu a Presidência da República, ele apoiou a idéia e autorizou o funcionamento da faculdade. Inicialmente, como faculdade particular, mantida pela Sociedade Faculdade de Medicina de Goiás, de abril a dezembro de 1960. Em dezembro (1960) é que foi criada a universidade, e a Faculdade de Medicina foi incorporada à universidade. E foi assim que eu me tornei professor da universidade. Entrei como convidado, depois prestei concurso para professor de Clínica Médica e Gastroenterologia, ainda na faculdade particular. E, com a incorporação, eu me tornei professor da UFG.

E como foi a evolução da universidade em si e da Faculdade de Medicina? Quando a universidade foi criada já existia a Faculdade de Direito, também?

Já havia as Faculdades de Direito, Farmácia e Odontologia, Engenharia, Enfermagem e Música e Belas Artes. Só que a Enfermagem não veio para a universidade, ficou para ser incorporada pela Universidade Católica. A Escola de Enfermagem era dirigida por irmãs e elas deviam obediência ao arcebispo, que queria fundar a UCG. O governo do estado doou toda essa quadra (onde está a Faculdade de Medicina e o Hospital das Clínicas, no Setor Universitário) com o prédio antigo. Era um prédio inicialmente destinado ao hospital, mas que nunca foi concluído e nem chegou a funcionar como hospital. Havia só o bloco da frente e uma área lateral.

Quer dizer que a faculdade já nasceu com a idéia de ter um hospital universitário?

Sim, essa era uma exigência da época, que a faculdade tivesse um hospital universitário. O prédio antigo era muito acanhado para acomodar todos os serviços médicos da faculdade, foi necessário ampliar. Inicialmente, [foram aproveitados alicerces já existentes, separados do bloco central, para a construção de verdadeiros barracões](#), que [serviram](#) para a administração, salas de aulas, laboratórios; tudo provisório, mas provisório no Brasil dura muito. Nunca se pôde construir um hospital nos moldes como havia sido planejado pelo primeiro diretor, dr. Francisco Ludovico. Ele mandou elaborar um projeto, [um projeto excelente](#), que foi feito por um engenheiro especializado na área, o mesmo que construiu o Hospital Santa Helena. Mas, o projeto foi engavetado e veio logo a Revolução, e não houve mais oportunidade de tocá-lo. Então, como emergência, ampliou-se o que havia; construiu-se o pavilhão [de três pavimentos](#), onde hoje [funciona](#) o Pronto-Socorro, [no pavimento térreo, e os Departamentos de Clínica Médica e de Clínica Cirúrgica, respectivamente no segundo e terceiro pavimentos](#); construiu-se o pavilhão da frente, onde funcionava a [administração da](#) faculdade; e o pavilhão lateral, onde [estão](#) a maternidade e a pediatria. Então ficou esse aglomerado de construções não planejadas. [Certa vez a faculdade recebeu a](#) visita de um professor inglês e eu andei com ele [pelo](#) hospital. Ele elogiou a limpeza, a arrumação das coisas, mas disse que não tinha gostado da arquitetura. [\(Risos.\)](#)

Na universidade, atuamos ainda como representante da [Congregação da](#) faculdade, e fui eleito [em 1963](#) para representar a Faculdade de Medicina no Conselho Universitário.

Quais foram as dificuldades da época?

Todas as possíveis e imagináveis. Havia muita falta de recurso, o dinheiro era pouco e não havia ainda contribuição do Ministério da Saúde. Então era tudo mantido com verbas do Ministério da Educação. Foi só depois que se conseguiu o auxílio do Estado e também da Prefeitura. Não havia ainda o SUS, então não havia essa captação de recursos através do Ministério da Saúde. Eu não me lembro o número exato, mas havia em torno de 120 leitos. Houve uma pressão muito grande para aumentar o número de matrículas.

Quantas vagas eram?

Eram trinta no primeiro ano, quarenta no segundo e depois aumentou para cinquenta. Mas à medida que aumentava o número de alunos o hospital precisava de um número cada vez maior de leitos. A pressão do governo era no sentido de aumentar, eu diria irresponsavelmente, o número de vagas. Na Revolução Militar, nós chegamos a sofrer pressões inclusive de ameaça, caso não atendêssemos ao programa do governo de ampliar o número de matrículas.

O senhor foi diretor?

Eu fui vice-diretor. De 1963 a 1968 fui chefe do Departamento de Clínica Médica. [De 68 a 72 fui vice-diretor](#). O hospital não começou em 60. Em 60 foi a faculdade. Aí funcionava apenas a parte de anatomia, histologia. A parte clínica começou dois anos depois.

O senhor participou da direção da Faculdade de Medicina da UFG? Quem foi o primeiro diretor?

Prof. Joffre: Francisco Ludovico foi o eleito para o primeiro mandato. Da segunda vez, já foi indicação, havia uma lista encaminhada pela reitoria para Brasília. Em 1972, eu me candidatei a diretor, meu nome foi aprovado pelos pares na faculdade e encabeçava o primeiro lugar da lista, mas foi escolhido o terceiro, o professor Custódio dos Reis e Souza.

Prof. Heitor: Há que se ressaltar que o professor Joffre era o candidato natural da faculdade e ele foi escolhido como diretor, mas a cúpula da revolução, à época, impediu que ele fosse efetivado.

Prof. Joffre: Era a época do AI-5, havia muita fiscalização do governo militar. Depois fiquei sabendo que havia uma denúncia de que eu seria simpatizante do Partido Comunista. (Risos.) Em 82, meu nome era o segundo indicado pela lista tríplice para reitor, e o governo escolheu a professora Maria do Rosário Cassimiro, que era a terceira da lista.

Quer dizer que, além do reitor, o governo militar escolhia também os diretores das unidades na universidade?

Sim, dentro de uma lista sêxtupla, o mesmo processo para reitor. Então, só Deus sabia quem os militares iam escolher.

E daí, o que aconteceu?

Como eu fui recusado para diretor, o reitor da época, 1978, professor José Cruciano, me convidou para instalar e dirigir a Editora da UFG. Eu fiquei lá por quatro anos, até 1982. Quando a profa. Cassimiro assumiu, eu saí. Gostaria de deixar registrado que ela foi uma reitora muito hostil à Faculdade de Medicina durante sua gestão; as dificuldades que o diretor à época, professor Celmo Celso Porto, encontrou na Reitora foram tamanhas, que ele renunciou ao cargo.

Essas dificuldades na instalação da Faculdade de Medicina, do hospital, como é que era do ponto de vista da população? Havia grande demanda pelo hospital?

A demanda foi crescente, desde o início e o hospital nunca teve condições de atender, os doentes faziam filas. O hospital tinha dificuldades também em atender a demanda de cirurgias.

Prof. Heitor: É interessante que o Hospital das Clínicas tinha uma filosofia de um hospital de indigente. O público que procurava o hospital era um pessoal que não tinha realmente nome, eles não tinham carteira de identidade ou CPF; quer dizer, eram pessoas realmente carentes, indigentes mesmo, coisa que nós não vemos mais hoje. Esse pessoal chegava de madrugada, fazia filas e dormia na porta do hospital. Então você não sabia se era um hospital universitário ou um hospital de caridade.

E tinha hospital público em Goiânia?

Existia a Santa Casa de Misericórdia de Goiânia que também não comportava a demanda.

E em relação ao Centro Editorial e Gráfico da UFG (Cegraf), como foi o processo da criação da editora?

O Cegraf não tinha esse nome. Primeiramente, tinha-se a idéia de instalar uma editora na universidade, desde o reitorado do prof. Paulo Perillo, que antecedeu ao do Cruciano. Ele chegou a dar os primeiros passos nesse sentido. Convidou, inclusive, um colega nosso, o dr. Giovanni Cysneiros, para fazer o esboço de um plano para a instalação. O Giovanni não pôde concluir seu trabalho, que foi retomado quando o prof. Cruciano assumiu. Aí ele me convidou, fato que me deixou surpreso, pois pensei que ele fosse convidar alguém da Faculdade de Letras. Nós, então, fomos saber do professor Cruciano onde iria funcionar a editora. Daí, ele disse “nós vamos encontrar um lugar”. Perguntei quantos funcionários e ele informou que seriam três inicialmente: um técnico em artes gráficas, um auxiliar de editoração e uma secretária. Qual é a dotação no orçamento? “É uma parte da renda da universidade. A única facilidade que você vai ter é a imprensa que já está montada”. A imprensa já funcionava independente da editora.

Então, nós arrumamos uma sala perto da imprensa, que era aqui no Setor Universitário e os funcionários eram o Paiva, técnico em Artes Gráficas, o Gilberto, com múltiplas funções, e uma secretária-datilógrafa, Beatriz. Depois, foi contratado um bibliotecário, que era o José Vanderlei, atualmente professor do curso de Biblioteconomia e tivemos a valiosa colaboração

da [profa. Marivone Matos Chaim](#). A primeira medida foi criar o Conselho Diretor da Editora. Cada unidade designou um professor e nós criamos o conselho. No primeiro ano, tivemos o trabalho de elaborar o estatuto, o regimento; ou seja, pouco se trabalhou até organizar e estruturar [a editora](#). Uma vez feito isso, aí começamos então a publicar.

A primeira publicação foi em 1978?

Sim, quando saíram só dois títulos. Em 1979 saíram [nove](#); em 1980, 21 e em [1981](#), , 25, num total [57 livros](#). Nós conseguimos na nossa gestão um convênio com o Ministério da Educação, num programa chamado Proed, de auxílio às editoras universitárias. Esse programa ajudou [bastante](#).

O senhor se lembra dos primeiros títulos?

O primeiro foi a republicação do *Almanaque de Goiás*. Dentre os objetivos da editora estava o de resgatar a história de Goiás, por meio da reedição de livros raros e também criar uma coleção chamada *Documentos Goianos*.

Quer dizer que a Editora UFG já nasceu como uma proposta extra-universidade, não só de atender a demanda interna?

Sim, havia a idéia de publicar periódicos, uma coleção didática, além da coleção *Documentos Goianos*; e nós íamos, à medida do possível, atendendo as demais áreas.

E o senhor tem também dois livros publicados, que são referências nacionais na área de medicina.

Estes dois livros que eu tenho publicado, eu nem poderia dizer que são de medicina. São livros, eu diria, de cultura geral, um deles é uma coletânea de trabalhos. Porque a produção científica na área médica é publicada em periódicos, não em livros, a não ser em capítulos. Então, hoje não se fazem livros científicos com um autor único. Participei de muitos livros, cerca de quarenta, mas a maioria dos meus trabalhos de pesquisa estão publicados em periódicos. Publiquei como autor ou co-autor mais de uma centena de trabalhos científicos, entre artigos e capítulos de livros, em publicações médicas nacionais e internacionais, esta é a parte científica. Agora a outra parte é cultural, são os livros *Linguagem Médica* e *Vertentes da Medicina*, este último uma coletânea de palestras, conferências e escritos diversos.

Um ponto muito importante em sua biografia é o momento em que o senhor se torna como que um filólogo. O livro *Linguagem Médica* é obra de envergadura, de filólogo profissional. De onde vem esse interesse?

Em 1955, a Associação Médica decidiu fundar uma revista, a *Revista Goiana de Medicina*, e eu fui escolhido com editor. Inicialmente havia uma comissão editorial, depois os outros foram abandonando e eu fiquei sozinho como editor. Editei até 1990, então são 35 anos. A revista era pobre, inicialmente não tínhamos recursos para mantê-la, a não ser uma ou outra propaganda de laboratórios que davam lá suas contribuições. Os trabalhos que eram enviados, na maioria das vezes, continham muitos erros, mal redigidos e eu não tinha revisor, eu mesmo era quem o fazia. Para isso, tinha de estudar, pois eu também tinha minhas dúvidas. Nesse período aprendi muito com o trabalho na revista. Desde o início, me senti compelido a ampliar meus conhecimentos em relação ao idioma.

De modo geral, há muitos médicos que se dedicam às letras. A que o senhor atribui esse interesse dos médicos pelas letras?

Esse é um assunto que tem sido muito debatido. A pessoa, naturalmente, procura uma atividade paralela, como um hobby. Uns jogam xadrez, compõem música, outros têm fazenda,

outros vão viajar. Acho que a literatura atrai muito porque ela traz muita satisfação, possibilitando ao médico, por exemplo, contatar um universo diferente daquele com que convive diariamente, de sofrimento. Isso é histórico no Brasil, muitos escritores eram médicos. Outra derivação é a política, você vê muito médico indo pra política. Quantos médicos há na Câmara Federal? É até estranho, mas acho que é um derivativo, a pessoa procura uma atividade paralela para amenizar.

Prof. Heitor: O ponto que ele quis tocar, é que a gente não encontra muitos engenheiros-escritores, arquitetos escritores se comparado ao número de médicos. E os médicos levam a atividade às últimas conseqüências; são, geralmente, ótimos escritores.

Na maioria das vezes, médicos lidam com a alma humana, com o espírito, com a vida. Engenheiro, por exemplo lida com máquina, tijolo, não é motivado.

Prof. Joffre: Quantas vezes, um médico, depois do seu consultório, chega em casa meditando sobre o que viu, como as coisas ocorreram, como poderiam ter acontecido, como estaria se sentido aquela mãe que perdeu o filho. É o contato cotidiano com os dramas humanos. Médico gosta muito de música clássica e é outra maneira de amenizar seu dia-a-dia. (Risos.)

Sua biblioteca de dicionários é talvez uma das maiores do País do gênero e são obras absolutamente raras. Sua biblioteca é de consulta obrigatória para quem queira pesquisar sobre dicionários.

Minha atração pela filologia, se é que poderíamos chamar assim, foi graças à *Revista*. Mas depois comecei a me aprimorar, tomei gosto, comecei a adquirir livros. A coleção de dicionários que formei é realmente uma coleção valiosa; eu tenho dicionários do século passado, dicionários bons, de autores, não esses feitos por editoras. Em minha coleção, tenho dicionários de 1813 a 1999. Cotejar essas várias edições permite analisar o histórico da palavra, a evolução da semântica da palavra, o momento da introdução da palavra na língua.

Como eu me dediquei exclusivamente, vamos dizer, à filologia médica, eu tive de me interessar por latim e grego, porque as palavras da terminologia médica são todas baseadas nessas línguas, muito mais no grego. Era um analfabeto em grego, nunca encontrei um professor para me ensinar, comecei a estudar por conta própria, aprendi o alfabeto, comecei a aprender alguma coisa elementar e, sobretudo, aprender a fazer pesquisa nos dicionários gregos, de modo a ter acesso a obras de Galeno, Hipócrates, como também Avicena, entre muitos outros. Mas é uma distração... Não tenho a capacidade de me tornar um escritor; já cheguei a esta conclusão, há muitos anos. Só arranjei uma atividade paralela à medicina que me dá satisfação.

Seus estudos de filologia suscitam interesse de profissionais. Seu sítio sobre linguagem médica é praticamente um consultor nacional das dúvidas médicas.

Estou com oitenta mil acessos ao meu *site*, em seis anos.

Entre as questões acerca da terminologia médica, em seu sítio, há a demonstração do termo *tiróide*, a forma correta, em oposição a *tireóide*, bem como a discussão sobre as formas *enfarte* e *infarto*, palavras diferentes. O senhor diz também que não é correto *raio X*, e sim *raios X*.

A confusão se origina do fato de que os médicos, e a imprensa por tabela, dizem “o raio-x” como sinônimo de “a radiografia” e do aparelho de raios X. Mas não existe um único “raio X.” O correto são *raios X*.

A influência do inglês pode vir a modificar o vocabulário médico, de origem grega e latina?

São poucas as palavras oriundas do inglês. Com relação à pronúncia, o que está mais ou menos aceito é o seguinte: se a palavra for formada por temas gregos diretamente, você segue

a prosódia grega. Agora, se a palavra é advinda do latim, você usa a prosódia em latim. Mesmo que tenha vindo originalmente do grego. É o caso de muitas palavras, por exemplo, *autópsia*–*autopsia*...

O mesmo que necropsia, não é?

Eu uso *necropsia* porque passou pelo latim, assim como *biópsia*. Nenhum médico fala *biopsia*, com a prosódia grega: “Eu vou pedir uma *biopsia*.” E na televisão só falam em *necropsia*. Em linguagem, você não pode ser radical nem partir do princípio de certo e errado; temos de partir do processo das raízes e da tradição.

Outra questão levanta pelo senhor é sobre a cobra como símbolo da medicina.

O símbolo do deus da medicina é uma cobra enroscada em um bastão. O símbolo do deus do comércio são duas cobras enroscadas em um bastão. Por uma série de razões, o símbolo do comércio começou a ser usado no lugar do símbolo da medicina, então há muita confusão. O que eu escrevi, baseado em fontes históricas é que não se pode usar o símbolo do comércio como o da medicina, e eu não sou o único, tem muita gente lutando por isso, mas aqui no Brasil estava entrando pra valer. Nos Estados Unidos, usa-se esse símbolo do comércio nos hospitais, nos serviços públicos e nas empresas de plano de saúde.

E seu outro livro, *Vertentes da Medicina*, qual é o tema?

Trata-se de uma coletânea. São publicações minhas, dos últimos 40 anos, sobre temas ligados à medicina, fora da área científica; é um livro de natureza cultural, não é um livro científico.

É interessante que dois autores de Goiás tenham se dedicado a duas obras fundamentais sobre o idioma. Uma é o *Dicionário Analógico*, de Francisco dos Santos Azevedo. Outra é sua obra *Linguagem Médica*. Como foi a receptividade desta obra?

A primeira edição de *Linguagem Médica* foi feita por um laboratório, não vendia em livraria, só em consultório. A segunda edição eu fiz aqui na universidade, ficou no depósito muito tempo, foi saindo aos poucos. É muito difícil para a editora da universidade comercializar, isso eu percebi desde que iniciei a Editora UFG. Um exemplo para explicar melhor: um colega em São Paulo queria comprar dois exemplares do livro para a Sociedade Paulista de Cardiologia. Dei o endereço da universidade, que pediu pagamento adiantado para fazer o envio. A sociedade não faz pagamento adiantado, só faz pagamento mediante nota fiscal. A universidade não emite nota fiscal. Criou-se um impasse! (Risos.) Resultado: eu tive de comprar o livro e mandar para ele. Desta terceira edição, os direitos autorais eu recebo em livros: a cada dez livros vendidos, eu recebo um. Mas esta editora (AB Editora) não tem uma boa distribuição, e eu achei que salgaram muito o preço. O livro, no mercado, devia custar uns quarenta reais, mas eles cobram oitenta reais; então, não está vendendo.

A editora pode ter balizado o preço pelo mercado de livros médicos.

Foi isso que eu debati com eles: “Este não é um livro técnico.” Não se pode fazer o que se tem costume de fazer com os livros técnicos. Quando houve um congresso aqui, fui lá propor-lhes colocar o livro em exposição e vender com desconto, mas nada. De vez em quando eu recebo um *e-mail*, perguntando onde se pode encontrar o livro.

Uma solução seria publicar o livro por uma editora com distribuição nacional.

A maior parte do livro está no site e a única editora que concordou em manter o site foi a AB, com uma condição: colocar depois de cada artigo uma indicação do livro e da editora que o publicou, telefone, e-mail deles. Então, está lá no site para quem quiser ler. Só que depois que ele lê no site, ele não compra o livro. Tenho um contrato com a AB por cinco anos, já se foram quase três anos

Na área de pesquisa o senhor se dedicou à doença de Chagas, especificamente sobre sua repercussão no aparelho digestivo. Fale sobre suas contribuições dos seus estudos nessa área?

Prof. Heitor: A doença de Chagas, do ponto de vista da medicina, na gastroenterologia, tem duas fases: antes e depois do trabalho do dr. Joffre. Uma das coisas mais importantes que é de uso mundial foi o que nós chamamos de classificação do megaesôfago – um aumento do diâmetro do esôfago, que provoca o chamado embuchamento. Ele estudou comprometimento do esôfago na doença de Chagas e fez uma classificação dos graus de comprometimento do órgão. E cada grau tem uma repercussão clínica. Então, isso hoje é adotado nacionalmente, toda pesquisa que se faz sobre megaesôfago é baseado na investigação dele, na publicação dele, seja no Brasil ou no exterior. Esta foi sua grande contribuição.

Prof. Joffre: Eu só quero acrescentar o seguinte: Quando comecei a trabalhar com a doença de Chagas, não se sabia ainda que o megaesôfago era causado pela doença; havia apenas uma suspeita, e nós coletamos, na clínica privada, na Santa Casa de Misericórdia de Goiânia e, mais tarde, no Hospital das Clínicas, um número muito grande de casos, que eram estudados por mim e pelo dr. Anis Rassi do ponto de vista radiológico, sorológico e cardiológico, para o diagnóstico da doença de Chagas. Então, obtivemos uma demonstração clínica de que só poderia ser a doença a causadora daquele mal. Isso foi confirmado por estudos anatomopatológicos realizados em Ribeirão Preto. Antes, não se sabia que o aparelho digestivo era comprometido pela doença de Chagas; uma vez provado isso, propusemos uma [nova forma clínica para a doença de Chagas, com a](#) denominação [de](#) “Forma digestiva”, que atualmente é aceita nacionalmente. A maioria dos meus trabalhos científicos é na área da doença de Chagas.

Prof. Heitor: A doença tem uma evolução progressiva, ela vai de um pequeno desconforto pra engolir até a fase em que a pessoa regurgita, volta toda a comida. Ele determinou bem todas essas fases.

Até então isso era desconhecido na medicina?

Prof. Heitor: Não, havia alguns estudos paralelos. Enquanto uns estudavam isso do ponto de vista de anatomia patológica, em Ribeirão Preto, ele estudou isso, aqui em Goiânia, do ponto de vista clínico, com um método denominado manometria. Houve um ponto onde se encontraram, os estudos em peças anatômicas e os achados dele. Esse é um momento muito bonito da história da doença de Chagas e para nós da medicina. Isso, entre meados de 50 a meados de 70.

Em função desses estudos, em 1962, o senhor foi convidado para um congresso na Alemanha, além de ter recebido a comenda Carlos Chagas (em 1980). Recentemente ainda, em 2000, o senhor recebeu uma distinção do Instituto Oswaldo Cruz, em Manguinhos.

Em 1959, no Rio de Janeiro, teve um congresso organizado pelo Instituto Oswaldo Cruz. Lá, nós que defendíamos [o comprometimento do aparelho digestivo na](#) doença de Chagas, éramos uma minoria, a idéia não era bem aceita pelos próprios pesquisadores de Manguinhos, do *establishment*. Com o passar do tempo, foram revendo sua posição e, no fim, aceitaram. [Em 1982 a](#) revista *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, editou um número especial dedicado ao assunto e publicamos lá, isso é muito importante. Tempos depois, voltei a ter contato com a Fundação Oswaldo Cruz, [que,](#) além do instituto de pesquisa, [tem](#) a Casa de Oswaldo Cruz, dedicada à história [da ciência e da medicina](#). Como tenho um interesse [nesta área](#) há tempos, mantive contato com os historiadores de lá e temos tido um intercâmbio muito bom. Vai sair agora um sítio chamado Portal da doença de Chagas, onde tenho um capítulo. Recentemente, uma equipe veio a Goiânia para colher meu depoimento [e de Anis Rassi](#). As fitas [gravadas,](#)

[bem como sua versão impressa](#), são armazenadas nos arquivos da Casa de Oswaldo Cruz. Foram quatro horas de gravação.

Prof. Heitor: No congresso que organizamos ano passado aqui, vieram vários representantes da Casa de Oswaldo Cruz. A descoberta teve importância primeiramente científica e agora histórica. A referência internacional do instituto, a referência e reverência nacional em Manguinhos. Poucos pesquisadores ocupam hoje um lugar de destaque na história lá dentro e o dr. Joffre foi um dos escolhidos. Recentemente, foi objeto de uma tese muito interessante lá em Manguinhos, com repercussão muito grande. De modo que todo o trabalho dele pode ser pesquisado, pode ser visto lá em Manguinhos.

O Cegraf está fazendo 30 anos, a UFG quase 50 anos, como o senhor acha que as instituições caminharam?

Vejo um progresso linear, acho que houve um avanço muito importante em todas as áreas. A universidade hoje é totalmente diferente, ampliou com novos cursos, novas construções. A gente vê que todas as áreas avançaram.

O senhor mudaria alguma coisa do que fez?

Não. Com as condições em que a gente trabalhava, de recursos humanos e financeiros, acho que em nada teria mudado, fizemos o melhor que podíamos, dadas as condições das épocas.

Este ano comemora-se o centenário do professor Colemar Natal e Silva, fundador da UFG.

O Colemar foi o primeiro reitor, quando fui representante da Faculdade de Medicina no Conselho Universitário. Ele era um homem idealista, que via longe e que sempre tentava coisas que não tinha condições de fazer, mas que um dia poderia ser feito. Então, eu tinha muita admiração por ele, acho que ele deu uma contribuição muito grande com o seu idealismo, com a sua visão de universidade; sempre foi muito receptivo às nossas reivindicações. No início, quando a Faculdade de Medicina tinha de manter o Hospital das Clínicas, ele nos atendia e as outras unidades não entendiam como é que a gente ficava com mais de 50% da verba da universidade. Também diziam que a FM tinha professor demais, que no Direito, por exemplo, havia poucos professores para muitos alunos. Eu tinha de rebater cada crítica dessa e explicar que o ensino da medicina é totalmente diferente. Às vezes, a política da universidade, aquela situação de querer dar a mesma parte para todo mundo, não se levam em conta as diferenças e particularidades. Nada mais individual, por exemplo, que a Escola de Música. O Colemar era um dos poucos que entendia isso, que a Faculdade de Medicina tinha direito porque tinha um hospital, e quando todos aqueles membros do conselho diziam que a gente tinha muito professor para pouco aluno ele [nos defendia dizendo](#) que precisávamos muito [de aulas](#) práticas.

Como é hoje seu dia-a-dia?

Trabalho no consultório à tarde e, pela manhã, trabalho em casa. Fico escrevendo, lendo, mantendo o *site*.

É o senhor mesmo que atualiza o site?

É. Eu tinha uma maquininha de escrever. Meu filho é da área de informática, daí ele me ensinou a usar o computador, achei ótimo. A partir daí, cada vez que ele vinha de Brasília, me ensinava mais uma coisa, até chegar ao ponto em que cheguei.

Qual é o segredo da longevidade?

Trabalhar, evitar a ociosidade ao máximo. Evitar os vícios, como o cigarro, a bebida, e ter um repouso satisfatório. Principalmente, ocupação, eu acho que a ociosidade enfraquece e gera doenças.